

A memória familiar dos albergados da Casa do Migrante

Sidnei Marco Dornelas

1 INTRODUÇÃO

Quem são os albergados da Casa do Migrante, antiga Associação dos Voluntários pela Integração do Migrantes - AVIM? Esta talvez seja propriamente a pergunta que vem à mente ao se colocar a tarefa de conhecer a situação familiar, ou um pouco da história de vida daqueles que se alojavam nesta instituição entre os anos 1998 e 2001.¹ Trata-se de um aspecto entre outros, como a sua inserção no mundo do trabalho ou a ocupação do tempo livre, numa pesquisa que teve por objetivo pesquisar o acolhimento institucionalizado de migrantes na cidade de São Paulo. É justamente no interior do enquadramento institucional deste albergue, nos espaços e tempos disponíveis, sob a intermediação de seus diretores e funcionários, que se buscou ouvir fragmentos da história familiar dos albergados. Logo, esse enquadramento dá os limites e ao mesmo tempo condiciona o seu discurso, que se dirige para um interlocutor, no caso o pesquisador, que assume o rosto da sociedade normatizada, “bem-pensante”, que o albergue lhe apresenta para que ele possa se pronunciar, e declarar quem ele é. Assim, tendo em vista o elo entre a situação em que se encontravam os albergados na instituição e a construção de sua trajetória familiar, na passagem de sua família de origem para a constituição do que poderia ser sua própria família, é que se indaga sobre o sentido de sua estadia num albergue que tem por finalidade, de alguma maneira, se apresentar como uma “casa” em que momentaneamente podem se abrigar.

2 A SITUAÇÃO DE DESLOCAMENTO DOS ALBERGADOS

A própria situação de se ver obrigado a pedir pouso num albergue “público”, às vezes por um período de tempo bastante prolongado, denuncia algum tipo de deslocamento em relação ao seu meio familiar. Os depoimentos dos usuários do albergue Casa do Migrante, quando relatam incidentalmente sua história de família ou sua trajetória de trabalho, buscam de alguma maneira explicar e justificar sua situação atual. Estudos anteriores sobre o perfil dos albergados na AVIM, que se tornaria posteriormente a Casa

do Migrante, mostram de maneira muito clara que eles são, em sua grande maioria, homens sós, em idade produtiva, sem trabalho, às vezes com um histórico já prolongado de desemprego ou de desqualificação profissional. (CUTTI, 1997; DORNELAS, 1997, 1998; CAMILO DA SILVA, 2002) Em vários outros contatos também se percebeu que a maioria apresenta histórias familiares de ruptura com o núcleo doméstico original, representados pelo pai e a mãe, ou sendo educados por outros parentes: padrastos, tios, avós, etc. Numa visão geral, todos parecem ter alguma dificuldade em se relacionar com familiares, distantes ou próximos, procurando permanecer o maior tempo possível no albergue, ou já possuindo uma trajetória de permanência em outros albergues, ou mesmo de pernoite nas ruas.

Tendo esse panorama de fundo, através da mediação dos funcionários e responsáveis da instituição, chegou-se à realização de entrevistas, em que, entre outras coisas, estava em pauta qual era propriamente a situação atual dos entrevistados em relação aos seus familiares, ou como fora sua trajetória de vida até chegar ao albergue. Diante dos depoimentos coletados, uma primeira pergunta seria sobre a concepção de “família” que estaria na base de seus depoimentos. Estudos sobre o relação dos migrantes com o processo de migração interna e urbanização em nosso país vêm apontando para o lugar fundamental da família do migrante em toda sua trajetória. Uma constatação é a de que os padrões familiares dos migrantes na cidade seguem aqueles que perduram entre as famílias pobres nas sociedades rurais tradicionais: a família conjugal, formada por pais e filhos (DURHAM, 1973, p. 60). Esse núcleo doméstico, ao mesmo tempo em que é uma “unidade produtiva mínima” e autônoma, também está sujeito a uma instabilidade constante devido à pobreza de seus meios de vida, com uma tendência inevitável à segmentação. Esta fragilidade inerente à unidade familiar faz com que ela busque apoio em sua rede de vizinhança ou de parentes próximos, a fim de superar as diversas dificuldades advindas de sua precariedade de vida. No meio rural existe já uma recorrente fragmentação das unidades domésticas ao longo do seu desenvolvimento, com a formação de redes locais de sociabilidade, o que se reflete nas trajetórias de migração no meio rural, como estratégias de sobrevivência, estendendo-se também no meio urbano. Os indicativos de tais percalços em suas histórias de vida são abundantes nos relatos dos entrevistados de nossa pesquisa.²

No entanto, estudos sobre famílias pobres em meio urbano, oriundas do meio rural em décadas de migração interna, mostram também como o entendimento que possuem sobre a importância da família é algo mais complexo do que sugeririam os meros vínculos de “parentesco”. A família obedece, antes de mais nada, a uma “ordem moral”, constituída por uma rede de obrigações e laços de fidelidade. Sendo a família conjugal ainda a

unidade básica, porém agora dependente dos empregos urbanos, buscam ainda mais o apoio necessário na rede de vizinhos, amigos e parentes, da origem ou da cidade, em quem julgam poder confiar. A “família” acaba abarcando, e por vias da necessidade, selecionando aqueles com que se pode contar. (SARTI, 1996, p.63) Essa trama de relações de fidelidade em que vivem os migrantes, torna-se então um referencial simbólico fundamental para indicar quem passa a ser da “da família” ou não. Apoiados nesse “universo moral” que envolve a família conjugal, constituem-se os códigos e a linguagem em que se define a identidade moral do “homem”.³ O homem, no âmbito de sua família, não é somente aquele que é “provedor” do seu sustento, mas também, e sobretudo, aquele que garante a moralidade e a autoridade da família como um todo. É aquele que representa “o papel da autoridade moral da família perante o mundo externo”, e por isso “é essencial para a própria concepção do que é família, porque a família é pensada como ordem moral, onde o homem representa a autoridade” (SARTI, 48). Tendo presente esse parâmetro na leitura, nos trechos sobre família dos depoimentos que estudamos, percebemos como as exigências morais recaem pesadamente sobre os homens e os jovens adultos, encerrando completamente sua visão de mundo. A percepção da incorporação dessas exigências ajuda a explicar muitas das reações dos entrevistados, que lidam diariamente com a ruptura e o “fracasso” em seu projeto de vida, ao mesmo tempo familiar e migratório. (SARTI, 40-42)

Com efeito, é dentro desse “universo moral” que se movem os entrevistados ao descreverem, e tentarem justificar, sua situação familiar.⁴ No geral, as respostas às questões colocadas procuravam explicar as razões pelas quais não se encontravam com sua família, isso porque, inadvertidamente, percebiam que na pergunta a eles dirigida estava embutida aquilo que na relação entre pesquisador e albergado tomava a forma de um inquérito e uma acusação: porque você não se encontra junto a seus familiares? É então que a assimetria social do relacionamento entabulado se revela, descortinando a incômoda condição vivida pelo albergado, frente à curiosidade de um interlocutor que lhe é estranho. Nesse momento da entrevista, quando o entrevistador adquire um bom nível de confiança, as reações variam desde o tom confessional até a defesa da própria honra e dignidade. O que se desmascara então, e que perpassa a grande parte dos depoimentos, é uma experiência reiterada de humilhação social.⁵ Essa experiência vai condicionar toda tentativa de caracterizar suas relações com os seus familiares. E, sobretudo, vai orientar o modo como recuperam sua trajetória de vida e a expõem, sendo que esses relacionamentos familiares, em seus relatos, vão adquirir um peso determinante nos rumos que suas vidas tomaram.

Assim, temos entrevistados que associam sua estadia no albergue, e consequentemente sua ausência junto à família, a um deslocamento já habitual por trabalho. São geralmente migrantes mais idosos que possuem um histórico de formação e engajamento no trabalho, mostrando uma mentalidade em que está implícita uma valorização e uma moral do trabalho. Na verdade, parece que toda referência à família que possuem está submetida à afirmação de sua identidade como trabalhadores. Em dois casos significativos, não existe uma indicação de ruptura, mas apenas a menção de um afastamento normal, e mesmo corriqueiro, devido a um tipo de trabalho assumido há muitos anos. Delson, casado, 51 anos, com duas filhas e a família residindo em Santa Catarina, descreve os tempos de alternância entre sua estadia com sua família, e os períodos em que acompanha as empresas em que trabalha como mecânico, em grandes obras em diferentes lugares do Brasil, ficando afastado por longos períodos. Tenta explicar como lida com a ausência da família:

[O senhor não sente falta da família e eles não sentem falta do senhor?] Com certeza, mas é que eu não fico muito tempo... Assim, dois meses no máximo. Eu sempre... eu ganho salário bom, dava pra viajar no final de semana: ia, voltava. Agora que houve esse problema aí, essa crise aí ficou ruim. Agora já faz três meses. Eu só 'tô esperando acabar esse serviço, aí eu volto. *[vai voltar?]* Vou voltar...

Delson parece ser o caso de um migrante que percebe que seus vínculos são ainda estáveis com sua família, mas que não parece capaz de abandonar sua vida itinerante em busca de trabalho. O caso de Everton é semelhante, na medida em que parece também guardar vínculos estáveis com sua família, e ser marcado também por uma forte trajetória de trabalho. Possui 61 anos de idade, casado e com cinco filhos, mantém a família em Goiás, enquanto ainda tenta a sorte em São Paulo. Em sua narrativa, sempre que fala de sua família, ele o faz referindo-se à sua trajetória de trabalho, o qual surge de maneira clara como um traço definidor de sua vida. Everton constituiu sua família na cidade de São Paulo, num momento em que possuía um emprego na capital paulista, mas não via a cidade como um bom lugar para educar os filhos:

Eu morava ali no bairro Bela Vista, de Guarulhos. (...) Trabalhava nessa empresa de lixo, nessa Enterpa, entende. Então, não sei se você sabe, mas tem essas escolas desses bairros, desse Guarulhos todo hoje, os bandidos dizem assim... aquele diverge assim e diz que hoje não vai ter aula e não tem mesmo, certo. Não tem.

(...) Então eu lhe pergunto: dá pra meus filhos fazer um segundo grau aqui? Eu, no meu ponto de vista, eu quero que você me entenda que eu não 'tô condenando São Paulo. Eu venho trabalhar, eu venho trabalhar.

Assim, se São Paulo não é boa para criar os seus filhos, São Paulo ainda permanece uma alternativa para trabalhar, e Everton, sempre em busca de trabalho, deixa a família em Goiânia, em situação relativamente boa, enquanto suporta o ambiente do albergue na sua peregrinação por emprego. Semelhante aos anteriores, o caso de Raimundo parece seguir esse padrão, pela sua longa história de deslocamentos pela região norte do país, empregando-se em fazendas para o trabalho de peão. Porém, diferentemente dos anteriores, Raimundo chegou aos 70 anos completamente só, doente, sem qualquer referência familiar. A sua história de migração parece ser uma longa trajetória aprofundando o rompimento familiar. E esse parece ser o caso da imensa maioria dos entrevistados que se abrigam na Casa do Migrante durante o período pesquisado. Raimundo resume sua condição e a de outros albergados:

[E os parentes nunca procuraram o senhor?] Não, não. Nunca, nunca, olha o pião... lá fala pião, lá pra nós, igualmente eu e outros mais, fala pião, não só de pião, porque tem muitas pessoas que anda assim igualmente a mim, não vale nada mas têm os comportamento da gente, sabe. Então aí o camarada sai no mundo e pronto, 'cabou-se, vai pra aqui, vai pra acolá, sai de um estado, vai pra outro...

O resultado dessa trajetória é não só uma situação de permanente solidão, mas mesmo de uma busca de solidão, característica de alguém que já rompeu seus laços familiares. Para vários entrevistados, em todas as circunstâncias, a atitude que prevalece é de um desajuste permanente, uma sensação de deslocamento, que impede de contrair qualquer laço de amizade mais sólido. Essa maneira de agir é vivida em todos os ambientes, e não só no albergue. João expõe essa dificuldade de fazer amigos no restaurante em que trabalha:

Não, porque ninguém me vê, só as pessoas da cozinha, e as pessoas que visitam lá, que entram lá pra comer, não me veem. Não, os que trabalham lá, não... porque... eles moram muito longe... eles são muito pobres.. eles não têm nada para oferecer (...) *[e no albergue?]* só tenho amizade com... algumas pessoas. Olhe só: o meu amigo é invisível! Eu não tenho.... das pessoas, de forma nenhuma... eu prefiro andar só, sabe?

Essa busca de solidão faz com que João se conforme com um espaço em que ele não possa ser visto, acreditando que mesmo outros semelhantes a ele, no trabalho e no albergue, não mereçam sua atenção, e nem ele mereça ser visto por eles. Essa solidão e invisibilidade evidenciam uma baixa estima de si mesmo, e uma auto-desvalorização que encontra seu reflexo nos ambientes que frequenta, não vendo em ninguém, em nenhum de seus pares, trabalhadores ou albergados, a possibilidade de uma alternativa de relacionamento. Parece estranho, pois João justifica sua presença em São Paulo com um projeto de fazer divulgar um livro que estaria escrevendo, num programa de televisão. Paradoxalmente, busca um reconhecimento numa visibilidade imaginária, oposta à visão habitual de sua condição humilhante. Devemos notar que essa mesma condição, vivida em várias situações cotidianas, faz com que o entrevistado se confronte frequentemente com a questão de seus relacionamentos familiares, no momento atual e no passado. O entrevistado pode mesmo chegar a fazer sérios questionamentos sobre o significado dessa solidão, que parece ser um dos aspectos mais salientes de um projeto familiar que não se realizou. Walter expressa de forma extremamente aguda essa sensação de solidão, como uma lacuna que remete à sua trajetória familiar:

Eu sinto um negócio muito vazio dentro de mim, eu me sinto uma pessoa ... uma pessoa só, a minha doideira foi por causa disso aí também, porque eu me sentia muito só, sabe? Toda vida me sentia só, hoje eu sei controlar isso, esse meu lado. (...) Eu sinto que falta algo em mim, eu não sei o que é, mas que falta alguma coisa ... às vezes eu fico pensando, será que é uma mulher, que eu não tive, será que é o amor de mãe, que eu nunca tive na minha vida, será que é um filho, que eu nunca botei no mundo? Aí eu fico indeciso, sem saber o que que é, eu num sei o que é, eu nunca vou saber, a não ser ele que vai me mostrar. Por isso que eu fiz aquela pergunta a você, que o coração dói, mas dói assim, num é doer, dor grande assim, é uma dor de solidão, falta algo dentro de você. Acho que você já sentiu isso...

Assim, a “dor da solidão” conduz o entrevistado a um questionamento sobre sua trajetória familiar. Diante de uma evidente situação de carência a que os entrevistados se veem expostos, obrigam-se a justificar o porquê de seu afastamento de parentes, às vezes muito próximos, que se encontram na capital paulista. Sebastião, por exemplo, possui uma irmã morando em Guaianazes, mas prefere a mendicância a se abrigar em sua casa, e justifica:

Olha, acho que depois que eu vim de lá... eu acho que eu... sabe que eu não cheguei a ir na casa da minha irmã? Quer dizer, eu fiquei meio deslocado. É por isso que tem um pessoal que cai na rua e não levanta, porque... eu não podia ir pelo menos na casa da minha irmã, procurar uma ajuda? Não fui! Eu fiquei super deslocado!

Nas condições de empobrecimento extremo em que se encontra, entre uma recorrente situação de solidão e a companhia efêmera dos amigos da rua, Sebastião procura constantemente afastar-se de sua irmã. Em outro trecho de sua entrevista, em que conta suas viagens para diferentes locais da periferia de São Paulo, quando se entregava às suas bebedeiras, frisou que o lugar que sempre evitou foi justamente Guaianazes, bairro de residência de sua irmã e onde possuía conhecidos:

Em vez de eu beber aqui dentro de São Paulo, eu pegava o trem, e ia pra periferia... mas não aqui pro lado de Guaianazes... pro lado de Guaianazes, eu nunca fui; eu ia mais pro lado de... Amador Bueno, que é lado de Itapevi, ou então, pro lado de... de Paranapiacaba. (*Mas, por que isso, Sebastião?*). Ih! E outra coisa: sempre sozinho... sempre sozinho!

Por trás desse comportamento arredo e solitário estava sempre uma persistente sensação de deslocamento e vergonha. Percebe-se como a sensação de vergonha em relação aos familiares é marcante, principalmente no momento em que procuram se comunicar com aqueles com os quais ainda estão ligados, e devem dizer o lugar em que se encontram. Jonildo, jovem migrante que pela primeira vez vem a São Paulo⁶, numa malograda busca para encontrar trabalho e moradia, comunica-se sempre com a esposa por telefone, mas sempre evita dizer que se encontra em albergue:

Sabe que dá uma vergonha de falar... Eu mesmo, eu tenho vergonha de falar, porque... não é tipo assim, vergonha do ambiente... é, mais pra num preocupá a mulher, porque às vez o pessoal fala assim; ó se liga pra sua mulher e fala assim: ó tô num albergue. A mulher já pensa mil coisa, pensa que tem bandido, pensa que não é uma coisa organizada, entendeu?

A vergonha de estar num albergue é o sinal mais visível que aponta para esta condição liminar de desamparo e desestruturação de sua auto-estima, revelada pela situação em que se encontra: de distanciamento da família,

da sua cidade natal, da falta de trabalho e moradia, de precariedade de subsistência, da necessidade de receber assistência. Ou como repete várias vezes, como para demonstrar sua condição de trabalhador ferido em seu orgulho: *“Graças a Deus eu nunca pedi nada a ninguém”*. Assim, seu grande desejo é poder re-encontrar-se com sua esposa e filho, reconstituir a família, como manifesta ao final da entrevista: *“(Agora o que você gostaria que acontecesse?) Minha vontade é que minha mulher batesse ali na porta, com meu filho (é?) Minha única vontade era essa”*.

A maioria dos outros entrevistados, ao contrário, demonstra o que parece ser uma acomodação no que diz respeito a esse distanciamento para com os familiares, apesar de também expressarem que vivenciam essa sensação de vergonha e solidão. Existe uma clara e irremediável ruptura em relação aos membros familiares, uma situação de “deslocamento”, que é perceptível mesmo quando ainda se comunicam com eles ou eventualmente os visitam. Mesmo vários jovens, seguem solitários a sua trajetória, evitando se hospedar entre familiares, ou porque desejam afirmar sua independência, ou porque reconhecem a dificuldade de relacionamento para com eles. É o caso de Antonio Campos, que declara que *“a convivência com meus irmãos não é boa, gosto deles, mas pra morar comigo já é mais difícil, porque se em casa a gente já não se dava bem... imagine aqui”*. Como nesse caso, haveria tantas outras formas de camuflar e justificar a “vergonha” e o “deslocamento”. Assim, estranhamente, o tema de suas relações familiares parece estar constantemente associado à justificação de sua situação atual no albergue. É nesse sentido, numa busca de explicação plausível, expondo ao mesmo tempo o motivo de sua situação de deslocamento em relação à família, levando-o a se abrigar num albergue, e resgatando de forma tortuosa sua dignidade e respeitabilidade, que procuram retomar sua trajetória familiar. Por meio dela, procuram se expor publicamente, diante do interlocutor que se interessa por eles, mostrando quem eles realmente são.

3 A GÊNESE FAMILIAR DO DESLOCAMENTO

Em algumas das entrevistas foi possível captar o que teria sido a trajetória familiar dos entrevistados. Na verdade, como o roteiro de entrevista elaborado em função da pesquisa não tinha como foco principal a história familiar dos albergados, os fragmentos desta história apenas surgiram de forma esporádica, e por vezes espontaneamente, na medida em que se sentiam estimulados a dar uma explicação sobre sua situação no albergue, como exemplifica Dener.⁷ Num determinado momento de sua entrevista, vai relatando o preconceito que sente por ser nordestino, e o modo como a sensação de ser rebaixado é vivido mesmo dentro da instituição:

Olha, eu vou dizer, que aqui dentro por enquanto ainda não, mas tem uns pessoal aí da Igreja, que sempre vem aqui, que não é nada, que fica olhando pra gente um pouco que diferente, achando que a gente é mendigo, que tá aqui na casa só pra... (*Eles vêm como voluntários?*) É... aí eu fico meio estranho, eu me sinto meio acanhado. Mas é assim, o dia a dia é isso aí, a gente tem que enfrentar toda a barra, não deve abaixar a cabeça...

Ressalta sua fé e sua persistência, afirmando que não é roubando nem enrolando que quer conseguir o seu salário, mas “*o pouco que eu ganho com Deus é muito*”, e a entrevistadora reage concordando, quando diz “*com dignidade*”. A partir de então, Dener parece se soltar mais, e fala de suas orações a Deus, como pensa e reza por si, por aqueles que estão na casa, mas também por quem não tem onde dormir e está na rua, e acrescenta:

Olha, meus pais, ... minha mãe morreu, eu tinha dez anos, aí meu pai colocou uma mulher dentro de casa, essa mulher disse que não queria ver as nossas caras dentro de casa, aí eu me juntei com ela, casei mais cedo, meu pai também foi... (*Desde os dez anos, até que o senhor casou, ficou nesta situação?*) Não, eu fiquei, desde os dez anos, eu fui convivendo, fui aguentando o pão, a risada, a xingada... e meu pai: cresce logo, vai embora, vai trabalhar, se vira, vai viver tua vida, arruma mulher, se vira... aí chegou 18 anos, foi quando eu saí de casa.

A percepção de estar num albergue, bem como a lembrança dos que estão na rua e não frequentam uma casa de convivência, acaba desembocando na memória de como ele próprio foi forçado pelo ambiente doméstico a sair prematuramente de casa, a casar cedo, e iniciar seu caminho pelo mundo. Tais ingredientes de desentendimento no interior da família, associados com uma sensação de revolta que levam a sair de casa, também estão presentes em outros relatos de entrevistados. Como João, que para justificar sua saída de casa, associa a imagem religiosa de sua mãe e sua morte à revolta que desenvolveu contra seu pai e contra Deus, justificando sua descrença e saída “pelo mundo”:

É, agora somos dez. Aí, eu via a minha mãe sofrer demais, por ser boa... não acho que a pessoa tem que sofrer. Tem que sofrer quem não presta! Aí, começou a levar aquela revolta comigo, aquela revolta, e eu dizia pra ela: “mãe, o dia que a senhora morrer, e eu não

tiver conseguido...”. Até eu (*fala frisando bem estas palavras*) rezava pra caramba pra conseguir me formar, arrumar um emprego, fazer uma feira pra dentro de casa por mês, e tudo mais... não consegui! Minha mãe morreu... 77 anos... e eu não consegui! Aí, vai então, eu não acreditei mais em Deus, sabe? Aí, foi quando eu saí pelo mundo! (*E seu pai ainda era vivo?*) Meu pai era vivo, mas meu pai era um sacana! Meu pai... foi o (*palavra incompreensível*) de todo sofrimento de minha mãe, porque ele deixou de trabalhar – talvez... não sei se a culpa é dele – deixou de trabalhar muito cedo, virou alcoólatra... minha mãe analfabeta, dona-de-casa, pra criar esse horror de gente! Enfim! Aí, pronto! Me revoltei, saí pelo mundo...

A experiência reiterada da solidão e da vergonha remete o entrevistado a se lembrar de sua trajetória familiar, marcada pelo desgosto, fracassos, revoltas e à busca de alguma forma de explicação do sentido de sua vida. À revolta contra o ambiente doméstico se associa a decisão de “*sair pelo mundo*”. É também comum nesses fragmentos de memória atribuir alguma razão para a sua condição à ausência da mãe ou ao alcoolismo do pai. Os questionamentos de Walter sobre o rumo que tomou na vida se enraízam, por exemplo, no modo como relembra sua própria infância, sua ligação com o pai e a falta da mãe:

Ajudava ele, né? Se chama o faro, o agar. Eu sempre ajudava papai, né? Eu trabalhava pra ele. Mas depois disso aí, com 22 anos, em 84, ele morreu de alcoolismo, em Mossoró. (...)

... eu tinha um ano de nascido, quando ela morreu. Eu não conheci amor de mãe, como muitos conheceram. Levei uma vida lá ... que também era muito agitada, né? Conheci muito a deformação (...)

Conheci muito cedo, ... o papai quando ia no jogo, me levava lá junto com ele e eu também ia naquele meio, né? Nesse meio aí eu cheguei até a pega no que é dos outro, ir preso, passei ficá, de menor, no meio dos penitenciário, lá no Norte. Naquele tempo, o menor, eles num tava nem aí, eles botava onde eles queria.

Esse relato de sua infância, ele o faz após pedir, logo no início da entrevista, que parasse o gravador, e ter se inteirado de quem era a entrevistadora e qual o seu objetivo, adquirindo assim uma confiança maior

para se abrir. Dessa forma, pode expressar sua busca íntima pela gênese daquilo que ele próprio se tornou, rememorando como ele conheceu cedo “a deformação”, a falta da mãe, a convivência com o pai que vivia no jogo e morreu por alcoolismo, e que fez com que ele, ainda “de menor”, fosse preso e ficasse entre presidiários. Também Sebastião se fia à sua memória familiar, e mesmo ancestral, para explicar sua dependência do álcool e dificuldade de estabelecer laços familiares.

Eu fui um cara que cortou o elo. Era uma corrente, né... com esse problema todo... porque o álcool, no meu pessoal... os meus antepassados vêm da África com esse problema de álcool... porque há muito tempo a gente tem esse problema. E não é só da parte do meu pai... da parte da minha mãe também. (*O seu pai bebia?*). É! Bebia muito; meu irmão também bebia. Tinha muita briga dentro de casa. Eu vi muita briga... criança... quando era pequenininho... então... e mesmo os outros parentes por parte da minha mãe, né? Que foi pouco os que conseguiram sobreviver.

A memória da infância aparece marcada por um ambiente degradado, pelas brigas na família, pela dificuldade de relacionamento entre irmãos. As rupturas na formação dentro da família podem também conduzir a uma perambulação por outros ambientes domésticos, em que os relacionamentos são ainda mais marcados por uma constante experiência de rejeição e exploração. Tendo uma segunda oportunidade de relatar sua história (“*eu vou contar um pouco diferente agora*”), como se tivesse a oportunidade de fazer um relato mais refletido, Antônio Campos relata o que foi sua infância, que se traduz numa trajetória de abandonos, violência, exploração e fugas, numa instabilidade constante:

Eu morava em Rio Piracicaba até os meus quatro anos e meio de idade, devido à separação do meu pai mais a minha mãe, com muitos filhos pra criá resolveu distribuir todo mundo. (*Em quantos irmãos vocês eram?*) Dez, meu pai não brincava em serviço, não tinha televisão na época. Aí com isso ela distribuiu todo mundo pros outros, foi cada um para uma família, ou parentes, ou até mesmo estranhos e eu fiquei na roça mesmo por durante uns tempos, morando com meu tio. Ele me pôs muito cedo para trabalhar, com cinco anos. Daí meu pai foi lá, me tirou e me levou para outra fazenda, levou para

fazenda de um amigo dele porque a dele ele já tinha perdido, tinha perdido a fazenda dele, daí eu fiquei uns tempo lá. Foi meu irmão lá e me levou para outro lugar.

(...)

Eu estava em estado de calamidade e me levou para João Monlevade. Eu deveria ter mais ou menos uns oito anos, de lá eu fui morar em Nova Era, com minha madrinha, e esse marido dela era um carrasco. Ele bebia muito então, ele trabalhava numa pedreira, e eu com oito anos ia ajudar ele lá na pedreira, enchia caminhão de pedra o dia inteiro, e chega mais ou menos a tarde ele ia pros bares, bebia, chegava em casa e me espancava. Quando eu não aguentava mais aquilo, fazia três anos que eu estava lá, todo dia a mesma coisa, eu fugi de casa, fui trabalhar numa fazenda lá perto mesmo, passou mais ou menos uns seis meses ele me achou, me levou de volta. Continuou a mesma coisa, me espancando todo dia. Aí eu falei, agora vou fugir pra longe, pra bem longe agora porque agora ele não me acha. Aí fui para Ponte Nova e subi até a BR, peguei uma carona e fui pra Ponte Nova. De lá eu trabalhei nessa fazenda lá um ano, aí como a mulher desse homem que eu morava lá não ia muito com a minha cara por causa dos filhos dela começou a me espancar também, fugi de lá também.

(...)

Eu tinha 10 anos, 11 anos, aí eu fui para Monlevade de novo, só que agora eu fui com minhas próprias pernas, ninguém me levou. De lá minha mãe ficou sabendo que eu estava de volta, ela ficou sabendo que tinha fugido, mas não sabia por onde eu andava. Aí fui até a casa da minha avó, me encontrou lá e me levou para a casa dela, nisso eu já tinha 12 anos, e nisso ela ficou cuidando de mim uns tempos, aí eu fiquei na casa dela até mais ou menos uns 18 anos, fiquei na casa dela. Aí voltei estudar, nisso como a vida lá tava muito difícil, aí aonde eu resolvi vir para São Paulo.

Essas histórias de rompimentos, fugas, ambientes degradados, em que o relacionamento com os pais e irmãos era extremamente precário aparece entremeado com referências à religião ou a um passado ancestral, como se daí se pudesse tirar como consequência uma explicação para a sua realidade. Nelas se procura encontrar um “elo”, o “fio da meada”, entre sua formação

como pessoa numa família e sua situação atual no albergue. Ou, dito em outras palavras, a razão pela qual não está junto a seus familiares, ou ainda, porque não chegou a constituir família. Nesse sentido, a memória familiar pode também ser a história para justificar o fracasso na constituição de uma nova família. O relato molda uma explicação para justificar sua impotência, como uma sina que estivesse para além de sua capacidade de superação. João, por exemplo, já havia rompido com sua companheira, com quem tinha uma filha, e estava vivendo na casa de sua mãe quando esta morreu. Também essa separação foi como que a conclusão de uma experiência de fracasso:

(Ela é professora primária?) É. Mas ela fez agronomia; não na minha terra, ela fez em Pernambuco, e ela passou, ela é agrônoma agora, depois que se separou de mim. Aí, pronto... na nossa vida conjugal, ela trabalhou mais do que eu.

(...)

...quando ela chegava do trabalho, que eu escutava a voz dela, já não me fazia bem, me fazia era mal, era como se eu tivesse (*palavra incompreensível*) ficado só. E aquele sentimento foi morrendo; foi morrendo da minha parte e da parte dela, e a gente chegou e jogou... as cartas na mesa, que não dava mais pra fingir... sabe... a gente ‘tava brigando muito, justamente por isso; não era pela questão financeira... isso ajudou, mas, na verdade, era que a gente não ‘tava tendo mais...

O caso de Manuel, nesse sentido, é ainda mais singular, pois em seu relato ele associa o rompimento com sua família de origem àquele com a família que ele constituiu juntamente com sua esposa e filhos, para explicar porque se encontra no albergue. Como outros, Manuel, apesar de ter parentes em São Paulo, prefere ficar no albergue, e justifica isso com uma história em que relembra como foi criado “*separado*”:

A minha mãe, na época de 58, não lembro muito bem, ela morreu quando ela foi lavar a roupa num açude (...) mas não foi do meu conhecimento, isso divulgação concretizada por pessoas da família, ... a própria mãe da minha mãe, o meu avô ... enfim, os familiares. Mas por via d’eu ter sido entregue pela minha mãe, antes dela falecer, a uma família fazendeira, os fazendeiro que diz lá no Ceará, ou lá no Norte, a pessoa que possui uma fazenda, é um fazendeiro! É, então, esse cidadão, me

levou pra casa dele, eu tinha praticamente cinco anos de idade, e eu fui me desenvolvendo com eles, sendo ensinado a trabalhar, sendo ensinado a respeitar...

(...)

Eu era muito maltratado, tinha outros que me batiam, porque referente não ser do mesmo sangue, num tinha dó de me maltratar, me batia, me esforçava, me forçava a fazer coisas que eu não podia ... inclusive eu lembro uma das ocasiões, na sexta-feira santa, não lembro o ano, eu era garoto ainda, eu desobedeci lá, ... eu custei a fazer um mandado, uma determinação dum mandado do meu pai adotivo, ele me colocou de castigo assim... pra capinar um milho, na época de inverno, na sexta-feira santa mesmo!

(...)

Eu fugi ... eu fui bem umas duas vez, da casa que eu fui criado, mesmo garoto, sem destino! Aí eu passava uma temporada na casa de um, uma temporada na casa de outro, às vez num era nem perto, era longe! Sem destino! E... assim portanto, quando eu cheguei a voltar uma das vez pra casa dele, foi o tempo que ele providenciou pra me ajudar a tirar meus documentos...

A saída que Manuel encontrou para superar a experiência de rejeição e exploração numa família que não era sua, e se afirmar como pessoa foi, apesar dos maus-tratos e da humilhação, trabalhar cada vez mais, juntar dinheiro, casar o quanto antes e tentar a sorte em São Paulo: *“eu vou fazer um meio de me casar, eu não tenho pai, não tenho mãe, eu num tenho uma família assim, que me acolha. Eu tô em São Paulo, então eu vou procurar viver por conta própria, através do meu trabalho”*. Manuel casou, teve dois filhos, migrou para São Paulo onde encontrou trabalho, e com o que ganhava trouxe esposa e filhos para a capital paulista. Mas, as dificuldades familiares e desentendimentos continuaram, agora contra a *“ vaidade ”* de sua esposa e sua filha. Ao longo dos anos, numa mudança constante entre São Paulo, Ceará e Rio de Janeiro, o relacionamento com esposa e filha foi se deteriorando cada vez mais, até se decepcionar, vendo como sua filha havia criado, ela por sua vez, uma família desestruturada:

Então, o que aconteceu que ela não afirmou-se com a amizade do rapaz de bom procedimento, começou a se envolver com outras pessoas da vaidade, ela é muito

vaidosa também, tal e qual a mãe. Meu filho não, meu filho nem quis saber! Mais hoje em dia, minha filha com 22 anos tem três filhos, cada um, um pai diferente, e não é casada. Então, é muitas coisas pra um só ser humano ... ter forças pra superar, ou então ... ter equilíbrio mental pra seguir em frente, ter paciência, só muita ajuda de Deus (...) Tantos empecilhos críticos, momentos de depressões aparece, na gente ... e enfim, eu creio que de agora em diante, a única solução quando me colocar, me instalar num departamento de trabalho, eu ficar fixo, quando eu obter, isto é, eu investir, num futurozinho, pra mim obter um espaçozinho de abrigo pra minha pessoa, pro meu filho, ou se eu puder ajudar a filha eu ajudo...

Assim, desesperançado, tentando lidar com os rompimentos da família que criou, procura fazer uma síntese de sua história familiar para compreender seus fracassos, e se resignando à sua solidão, imagina o pouco que ainda pode fazer para ajudar seus filhos, o futuro que eles representam:

Enquanto meus filhos estavam menor de idade, criança, inocente, eu estava sempre dando um tempo, passando por cima das decepções, vencendo, me fazendo de bobo. Tanto que tenho dó, da situação dos meu filho, hoje em dia, eu sinto sempre, mesmo por serem adulto, mas eu sinto sempre porque eu passei mau bocado na vida, num tive carinho nem na minha infância nem na vida de casado, eu pensei vou acabar me distanciando.

Na passagem entre a família de origem e a família que deveriam constituir, vemos que uma ruptura instalou-se, e que eles procuram compreender. A virtualidade de uma solução futura, entre novas fugas e um desejo de auto-afirmação, faz com que procurem sempre mais explicações em sua memória familiar e uma nova possibilidade para o futuro. Assim, apesar dos rompimentos, alguns entrevistados procuram preservar a imagem de alguém que pensa em sua família, procurando preservar sua responsabilidade de pai, filho ou irmão. Luciano, por exemplo, demonstra como é zeloso por sua imagem de pai de crianças que teve com diferentes mulheres, mesmo que fiquem sob os cuidados de sua mãe, enquanto ele viaja longe de casa:

Eu tenho que pensar nos meus filhos, que eles veste e come e minha mãe não é obrigada a sustentar meus filhos. Porque quem pôs ele no mundo foi eu e uma

mulher. Não foi minha mãe. Minha mãe teve obrigação comigo quando eu era criança, então ela não tem obrigação com meus filhos. (...)

Aí eu conheci a princesa, a bruxa disfarçada (*risos*) e me dei de mal. O futuro que eu fiz foi dois filhos uns atrás do outro, igual um louco da cabeça, fora os outros dois que eu já tinha. (*Tinha lá...*) Não, quando eu fiz esses dois, aí eu... antes de eu conhecer ela eu já estava procurando uma princesa certa eu já. Aí nesse tempo de procurar a princesa certa, aí, cresceu duas barrigas lá (...)

Luciano mostra um reconhecimento e uma certa dívida moral para com a mãe, a quem confia os seus filhos, ao mesmo tempo que assume sua responsabilidade para com eles, embora continue perambulando entre vários lugares. No seu caso, a explicação que justifica a situação paradoxal em que se encontra, talvez também para se penitenciar por sua incorrigível busca por uma “princesa”, ele a exprime no relato da ruptura com a “bruxa”, a mãe de seus filhos:

Fazia dois anos que eu estava separado dela. E mesmo morando lá na cidade eu não tinha mais nada com ela. Ela me colocou na justiça, tudo, mas o poder de Deus é muito grande. O juiz falou, não, se ele saiu de casa, alguma razão teve. (...) Ele falou, não, exigir ninguém pode exigir mas que você cumpra com seu determinado obrigação. Falei, não, isso aí o senhor pode ficar sossegado. Onde eu tiver, eu mando dinheiro para meus filhos, compro roupa e inclusivamente eu arrumei um emprego hoje, vou começar amanhã. Quando for em novembro, vou pegar um ônibus e vou para lá, porque minha filhinha, ela vai completar... Porque ela faz aniversário (...)

Aí eu entrei na justiça, né, pra requerer meus filhos, porque as mãe deles ficaram no mundo da prostituição né, aí então eu, fui mais eu, né. Confiei na justiça divina, primeiramente, aí eles...cederam meus filhos. Ele falou, com uma condição: você leva embora, levar teus filhos diretamente ... você tem dinheiro, tem condições de chegar? Falei ta qui ó, eu fiz o acerto aqui para ir embora, mas eu só estou aqui ainda por causa dos meus filhos. Falou – pode levar seus filhos. Até elas concordaram: se quiser levar leve que filho não me dá comida. Falei, graças a Deus. A mim, um dia eu sei que eles vão me dar. Peguei, trouxe. Minha mãe está super feliz com meus filhos...

De outra maneira, também Carlos, apesar do forte vínculo familiar que diz ainda manter, rompe com os irmãos e o pai para ir atrás de um “*sonho*” que veio buscar em São Paulo, e que só pôde realizar porque sua mãe, que não lhe deixaria partir, morreu. Na continuidade de uma trajetória de rupturas com seu meio de origem, veio para São Paulo, deixando seu pai aos cuidados dos irmãos. Ele conta sua história iniciando pela morte de sua mãe:

Faz uns nove meses. Foi coração. E, ‘ta difícil, sim. Eu penso nela. .. porque se ela estivesse viva, eu não tinha feito essa viagem ... E, ela não ia deixar ... e também ela era muito “pegadia”. Eu fui dos filhos mais velhos a cuidar de toda a minha família; meu pai. .. meu pai bebia muito ... meu pai abandonou a casa. Saiu pelo mundo... largou todo mundo pequeno, sou eu que ‘tava mais “durinho” um pouquinho, que ia pra roça, catava as frutas pra levar pra vender na cidade.... para comida pra eles ... dentro de casa. .. e a minha mãe também ajudando. E eu saí atrás dele, recuperei ele, e ele voltou pra dentro de casa, graças a Deus ... eu tinha uns 17 anos ... ele ficou quase um ano (fora) ... foi um problema: ele se envolveu com mulher de rua ... foi uma coisa muito puxada ... puxada mesmo! Mas, hoje, graças a Deus, todo mundo ‘ta feliz, até ele também ‘tá feliz ... Ele mesmo chorou quando eu vim pra cá ...

(...)

A gente tinha uma fazendinha, tinha até carro ... daí ele se juntou com mulher da rua... foi uma atrapalhão... mas, agora, graças a Deus parou... veio pra Salvador ... a família toda ... minha irmã ... ‘tá casada (...) e o meu pai fica em casa sozinho, lá na barraquinha dele, que fica dentro da casa mesmo. Daí, eu vim; eu disse “vou ver o que o mundo me espera lá fora”.

Atrás de uma possibilidade de independência, também Roberto se desvincula de familiares que tinha em São Paulo, bem como dos pais que deixou na região de origem, apesar de se dizer ainda muito “*apegado*” a eles, e sai em busca de construir sua própria vida, “*ter a minha vida*”, sem encontrar, porém, o “*objetivo*” que buscava:

eu fiquei ... com a tia, porque foi assim, a gente sempre morou perto, né, vizinho, tal, por ser parente, e tal, por a gente tá ... interligado, resolvi ficar, entendeu? Mas assim, eu quis ficar, mas assim, porque ... os próprios

meus pais queriam que eu seguisse também o meu objetivo e também assim a questão, não ficar assim, eu queria ficar ... mas eu não queria ficar muito assim ... depender deles, tanto dos meus pais quanto dos meus tios, por muito tempo, né? Acho que eu queria mesmo era trabalhar, ter minha vida, construir uma vida assim. Eu penso assim, ainda hoje eu penso, né, eu tenho esse objetivo ainda, que eu não consegui...

(...)

eu amo muito a minha mãe, sou muito apegado a ela, pode até num parecer, né, mas a gente é muito apegado, assim, é ... a cada dia eu 'tô ligando pra ela, ela 'tava com um pouco de gripe, assim, eu fiquei de ligar de novo, ela 'tava até repousando, disse: minha mãe, volte pra repousar, depois eu ligo pra senhora, até falei com meu pai, um abraço a ele nos dias dos pais, entendeu? Mas é assim, eu sou muito ligado à família, pode até num parecer: ah, você 'tá aqui distante, e tal, como é que você é ligado a sua mãe e você 'tá aqui? Mas ... eu tenho que também, né, seguir o meu caminho, entendeu?

E dessa maneira, vai justificando sua permanência no albergue, associando sua busca de independência pessoal a um projeto que visa resgatar a família que deixou para trás quando veio para São Paulo, sonhando um dia que ela venha ao seu encontro: *“daí ou eu vou pra casa da minha tia, porque é assim: eu ainda tô fazendo de tudo pros meus pais virem aqui pra São Paulo, se tudo der certo, final do ano meu pai, vai vender a casa, já tem um comprador...”* Na verdade, em sua busca inconclusa, o que realmente almeja de maneira mais imediata é poder encontrar um quarto para alugar (*“ir para um quartinho”*), a exemplo do próprio Carlos, que espera *“ter o meu quartinho ... fazer um feijão ... quem sabe ter. .. ah, deixa pra lá!”*... quem sabe ter uma outra família, com uma companheira.

Nessa busca para re-encontrar ou reconstruir uma família, o sonho de algo novo ou de um possível retorno frequentemente se confundem. Michel tem apenas 19 anos, nasceu em Diadema, mas ficou órfão muito pequeno, sendo criado pela avó na Bahia. Deixando seu lugar de criação, parte para uma aventura que parece não ter explicação (*“doidice”*), na busca de algo novo, que também parece ser um estranho retorno. Em sua tortuosa trajetória de perambulação por várias cidades até chegar a São Paulo, e exercendo pequenos “bicos” por onde passava, o “novo” que busca se confunde com o que poderá encontrar no dia seguinte ou com uma hipotética possibilidade de encontrar os parentes que existiriam em São Paulo:

(Diadema você nasceu, ahn) Só que eu estou atrás de um padrasto meu que ele sabe onde... Eu tenho parente aqui. Só que eu não sei onde eles moram, eu to atrás dele pra ver se ele acha, que ele sabe né. Só que me informaram que ele já morreu há muito tempo... *(E quando foi que você foi pra Bahia, primeira vez...que você estava em São Paulo e aí você foi pra Bahia?)* Fui com 5 anos de idade, tem 14 anos que eu moro na Bahia (...) Minha vó veio buscar a gente. Vim eu e mais duas irmãs. Aí me deu uma doidice na cabeça aí eu vim pra cá.

O retorno pode significar o encontro de uma casa para morar, que se faz necessário para a estabilidade no momento presente, mas que pode também remeter à lembrança da casa dos pais, aqueles com quem romperam ou que deixaram num lugar distante. Alvinho fala de sua esperança em conseguir uma casa, quando relembra como desperdiçou a oportunidade: *“Sabe, porque se eu não tivesse sido muito farrista daqui até a Bahia, ou vários outros lugares, eu podia ter conseguido...”* Entre outros migrantes que também possuem uma história de perambulação, como Dener, o tema do retorno é explícito, como uma perspectiva de maior estabilidade, uma casa onde ficar:

A minha família tá toda lá, meus pais, meus tios ... eu tenho uns tios aqui até no Rio, mas é aquele negócio, faz o teu que eu faço o meu, eles nunca tenta me ajudar da forma que eu quero. Só quem pode dá uma forcinha é o meu pai, meu pai ah filho e tal e tal o que eu posso te dar é isso. Mas eu não posso pensar o lado que ele pode me ajudar, eu tenho que correr atrás, porque hoje eu tenho a minha família, eu não posso tá me escorando na asa do meu pai, eu tenho que correr atrás. É aquele negócio, ... então, eu quero trabalhar, conseguir o que eu quero, ir embora, pra mim construir lá a minha casa e viver a minha vida, junto com a minha família.

Os fragmentos de memória familiar dos entrevistados, quando eles surgem, testemunham essa vontade de se fazer apresentar bem à pessoa que lhes está entrevistando, justificando sua estadia no albergue. De um lado, esboçam um objetivo de vida que não é mais que a busca de uma hipotética estabilidade, numa possível reconstituição do meio familiar, ou simplesmente como resguardo de sua solidão e vergonha. Por outro, é uma forma de dar uma versão respeitável à sua situação de fato, um ser humano sem família. Tentam desculpar o que parece ser algo indesculpável: o distanciamento de sua família que está em algum lugar distante, como também o fato de evitar

algum familiar que está perto, ou mesmo o fracasso de não ter constituído ou mantido sua própria família. É assim que, quando surge, tantas vezes essas memórias familiares são como que um discurso de expiação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS - O DISCURSO DA EXPIAÇÃO

Buscando entender melhor o significado desses testemunhos de sua memória familiar, procuramos nos dar conta do seu lugar no conjunto de nossa investigação. Nem a pesquisa, nem o roteiro utilizado nas entrevistas, privilegiavam de maneira particular os vínculos familiares dos albergados. Estavam em pauta outras preocupações tão ou mais relevantes, diretamente relacionadas ao modo como se dava o acolhimento institucionalizado aos migrantes nessa entidade específica em São Paulo, a Casa do Migrante. Nesse sentido, nossa abordagem não quer diminuir ou se sobrepor ao tratamento de questões como a relação dos entrevistados com o trabalho, com os funcionários da Casa, as normas de seu funcionamento, ou a organização do seu cotidiano. Quer antes levantar outros significados que poderiam ser atribuídos a este acolhimento institucionalizado. Nesse sentido, podemos dizer que talvez em nenhum outro momento, o modo como os entrevistados se representavam a si próprios pode emergir de forma tão viva quanto nesses, em que se sentiam impelidos a expor alguns fragmentos de sua história familiar. Recontar sua versão sobre sua trajetória familiar, principalmente os motivos que os levaram a se afastar de seus pares, se decidir a migrar, procurar um lugar para ficar, e encontrar-se num albergue, exigiu da parte deles a busca da formulação adequada, em função de um fim específico: expiar sua culpa, e preservar o pouco de dignidade com que ainda se propunham apresentar.⁸

Em mais de um momento pudemos observar como a origem do deslocamento migratório esteve associada a uma ruptura no meio doméstico. Na verdade, não se sabe bem em que medida a desestruturação familiar precede e condiciona o deslocamento migratório, ou se seria o inverso que acontece. O fato é que, nos fragmentos de memória que foram recuperados, os relatos de migração acompanham histórias de deslocamento familiar: morte ou ausência da mãe, alcoolismo de pais e irmãos, exploração de menores, violência, crescimento em ambientes estranhos ao da família, e fugas de casa. A “revolta”, a “doidice”, a rejeição do ambiente doméstico motivam frequentemente a decisão de “sair para o mundo”. Contudo, os conflitos vividos nos seus relacionamentos familiares também se associam ao surgimento de sonhos, naqueles que deixam sua casa e põem-se em busca de sua independência, do “objetivo” de construir a sua “própria vida”. No entanto, também essa busca de liberdade em

relação à família não escapa da necessidade de reconstituí-la de outra forma em algum outro ambiente. De uma forma ou de outra, a trajetória migratória ocorre de maneira concomitante às suas trajetórias familiares: a decisão de sair de casa está imbricada às muitas rupturas em seu projeto familiar. Nessa mútua implicação, entre trajetória migratória e familiar, expor as razões de sua presença no albergue significa recuperar as razões pelas quais se saiu de casa ou se distanciou da família, ficando a meio caminho de alcançar qualquer objetivo.

Desta forma, justificar sua presença no albergue, relembrar sua história familiar, dar conta de suas rupturas familiares, é o reverso de uma história de realização pessoal. Só podem fazer isso através de um discurso que possa expiar sua própria responsabilidade, por meio do qual, paradoxalmente, se desperte compaixão ao mesmo tempo em que se garanta alguma forma de dignidade. Trata-se de se eximir de sua própria responsabilidade ao mesmo tempo em que se a assume. Cada entrevistado surge como enredado num projeto que lhe escapou ao controle, mas no qual ainda se insere, admitindo a necessidade de purgar, prestar contas sobre suas consequências. São relatos que contam, mas também explicam e justificam a situação liminar em que se encontram, e camuflam a vergonha, o estigma de sua condição, o desgosto, a solidão, o deslocamento em relação ao restante da sociedade. O relato se apresenta como discurso de expiação porque procura justificar o injustificável, re-encontrar o sentido para aquele que se considera completamente perdido, dar uma razão de viver quando parece não haver mais razão alguma, e alçar a esperança num imaginário inalcançável.

Sebastião, que busca a origem de sua sina nos antepassados da África, depois de tentar resumir a razão de sua vida em algumas palavras, mostra como analisa seu próprio caso diante de toda sociedade:

(Fé + sonhos + força = vida. Dá pra entender!) Agora, veja bem: fé... eu acredito numa coisa que olhe por nós. Sonhos, o quê que é isso? Porque na minha vida aconteceu muita coisa, gente! E eu acredito que aconteça na vida de outros... a mesma consequência que aconteceu comigo... só que tem cara, que não consegue sobreviver até onde eu cheguei. Então, eu acho que, eu passando esse exemplo, eu acho que 'tô sendo útil! Por exemplo, eu tive fazendo uma análise com um cara... com um psicólogo, que é o Micheli, lá da Achirópita... se eu continuasse com ele, eu ia fazer papel de cobaia, não só com ele... eu ia contar toda a minha vida pra ele e ele ia chamar mais psicólogo, pra ver o quê eu passei no passado, e porque que acontece isso comigo hoje.

Diante do psicólogo com quem fez um pouco de análise, como diante da pesquisadora que o está entrevistando, Sebastião procura re-encontrar sua razão de viver, se apresentando a si mesmo como “*cobaia*” a ser estudada como caso único. De uma forma invertida, paradoxal, procura se valorizar como um caso a servir de “*exemplo*”, de utilidade para o resto da humanidade. Mostra que ele possui um objetivo como qualquer outro, mesmo que se resumam a palavras que só ele mesmo pode carregar de sentido, sem que os outros possam perceber: “fé, sonhos, força = vida”. Assim também, João se apoia numa imagem de poeta que criou para si próprio, procurando uma fama que o possa redimir e possa reabilitá-lo, num possível retorno ao seu lugar de origem e seus familiares:

eu tenho um nomezinho, lá... assim... de poeta, pelo menos (*risos*)... e eu voltaria, sim, se fosse com o meu livro nas mãos... se eu editar o meu livro hoje, eu passo o Natal lá... porque eu procuraria ganhar mais um mês no trabalho... eu vou pra lá, faço o meu lançamento, passo uns dois, três meses lá, e caio no mundo de novo (...) quando eu fiz o meu primeiro livro, há dez anos atrás, eu fiquei famoso na cidade toda! E se eu fizer isso de novo, eu sei que eu vou ficar mais ainda (*famoso*) por estar longe, por ter editado o livro em São Paulo, lá vai ser um estouro!

A vida de João, ele a vive em função desse livro e da fama de poeta que busca alcançar. Seu projeto migratório, por vias imaginárias, procura recuperar seu “*nomezinho*”, no seu lugar de origem. O retorno é assim apenas provisório, pois, assim como a fama, a imagem que busca apresentar não tem onde se assentar. Ele mesmo agora não tem mais raízes e vive entregue à sua solidão e às suas andanças, mascarando sua vergonha com sua imagem de poeta. Talvez, nesse sentido, um dos que se apresentam mais lúcidos seja Walter, que sabe bem qual é sua condição e qual seja o único futuro que parece lhe restar:

O futuro da gente, nós num tem muito futuro. Pobre num tem muito futuro, o futuro da gente só é duas coisa: é ter uma casa, e viver bem, sossegado, é isso que eu penso. O futuro meu é isso, ter uma casinha, ter uma bela esposa, ter um filho, ter um serviço fixo, isso vai ser difícil, já quase quarentão, aqui dentro de São Paulo com quarenta tá morto... então, tudo fica mais

difícil, depois que passa dos 40 fica difícil pra gente (...) abri mão disso aí, pra nós, o futuro da gente é só ter uma casinha mesmo, um teto, e o resto da vida, porque daí você num passa, se você passa disso aí, é porque roubou (*risos*) ...

A casa, Walter parece ainda esperar alcançar. Uma mulher, uma “namorada”, como outros dizem, parece mais difícil, trabalho então... Os albergados entrevistados, distanciados de suas famílias, encontram na Casa do Migrante um substituto do que deveria ser a sua casa. No entanto, por mais que o objetivo da instituição seja acolher e resgatar a humanidade de cada pessoa que ali se abriga, ela não pode dirimir a falta indistigável que cada migrante carrega pelo simples fato de estar aí presente, e que se mostra quase como uma acusação, impregnando-o como um estigma: o porquê não está com os seus familiares, em sua casa. Portanto, falar de sua família significa falar dessa falta, dessa ausência, significa trazer à memória uma trajetória de rupturas, e descrita num relato tortuoso, elaborado como resposta a esta pergunta tão incômoda quanto inevitável. Nessa lógica, os relatos com frequência se tornam então um inventário que procura expiar os motivos dessa ausência.

Assim se mostraram os albergados da Casa do Migrante entrevistados naquela ocasião. Solicitados a saírem de sua invisibilidade, quando perguntados pelas suas famílias, alguns se arriscaram a expor quem eles eram, sua identidade social moldada no trajeto de suas vidas. Cada entrevistado buscou então exprimir sua individualidade através desses fragmentos de memória familiar, expressando o sentido de sua presença naquele momento nesse albergue, diante desse entrevistador que se interessou por ele. Por fim, ter alguém a ouvir tais relatos pode significar, mesmo que seja pelo avesso, de maneira furtiva, uma forma de não mais se sentir envergonhado, humilhado, isolado do mundo, deslocado em relação ao restante da sociedade. Talvez fosse a única coisa que lhes restasse:

Reatar os fios para além da ruptura, recompor os cacos, essa é a insistência desesperada que sustenta a vida, que a carrega e a preenche, o que faz com que esse esforço acabe por se identificar completamente com a vida, constituindo a vida até o ponto em que o autor desse empreendimento chega a esquecer de outra forma; esquecer que viver não é viver apenas insistindo em viver. Necessidade e liberdade! (SAYAD, 1998, 116)

NOTAS

¹ Este texto foi elaborado como parte do trabalho desenvolvido por uma pesquisa realizada de maneira multidisciplinar pelo GT Migrações composto, na ocasião, por membros do Centro de Estudos Migratórios (CEM) e o Laboratório de Geografia Urbana da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Labur/USP), sobre o “Acolhimento institucionalizado dos migrantes na cidade de São Paulo”, entre 1996 e 2009. A pesquisa se desenrolou na abordagem da instituição de acolhida de migrantes, originalmente criada como Associação dos Voluntários pela Integração do Migrantes (AVIM), e que veio a se tornar a Casa do Migrante, no ano de 1998, e mantida desde então pela Congregação dos Missionários de São Carlos - Scalabrinianos. As entrevistas se deram no período imediatamente posterior a essa reestruturação. Esse artigo se beneficia das entrevistas semiabertas feitas junto aos albergados nesse período, por diferentes integrantes desse GT. As versões preliminares deste texto contaram com os preciosos comentários de outros colegas pesquisadores empenhados na conclusão dessa pesquisa. Convém ainda registrar que a Casa do Migrante constitui um dos quatro projetos (Casa do Migrante, Paróquia Nossa Senhora da Paz, Centro de Pastoral e Mediação dos Migrantes – CPMM, e, Centro de Estudos Migratórios – CEM) que formam a Missão Paz. Esta tem suas origens em 1939 com o estabelecimento dos Missionários de São Carlos - Scalabrinianos - na região do Glicério, no centro de São Paulo, com o objetivo de apoiar a comunidade migrante de italianos. Por fim, cabe dizer que esse texto teve sua primeira versão finalizada em janeiro de 2010, sendo revisto em novembro de 2022.

² Eunice Durham, em seu estudo já considerado clássico “A caminho da cidade”, mostra claramente como o “*savoir faire*” da migração se constrói no interior do imaginário próprio de sua família. É no interior do grupo local, constituído pelo conjunto de famílias nucleares unidas por laços de solidariedade e fidelidade, que se constitui a tradição migratória que servirá de esteio para sua inserção no meio urbano. O que a autora deixa claro é que a mobilidade sempre constituiu uma estratégia de sobrevivência entre as famílias pobres no campo, dentro do quadro de instabilidade e precariedade em que vivem o núcleo conjugal e essa frágil rede social formada por vínculos de mútua ajuda.

³ Cynthia Sarti analisa longamente como, no âmbito dessa rede de “obrigações morais”, pautadas pelo paradigma “dar, receber, retribuir” (MAUSS, 1974) se definem os papéis complementares (e opostos) de homens e mulheres, de pais e de filhos (SARTI, 41-62). Pode-se entender então como falar de família com os albergados ganhe o caráter de uma conversa sobre valores morais, sobre a sua honra de homem, o significado que atribui ou pretende atribuir à sua vida, sobre uma série de expectativas que sente em torno de si. Ou o seu oposto: a experiência do fracasso, a bebida como sinal de sua derrocada, a humilhação de estar num albergue, a vergonha, a invisibilidade.

⁴ Notaram-se vários casos, como aqueles que possuem uma família constituída por mulher e filhos, em algum outro lugar do país, mas não relatam qualquer forma de ruptura. Distanciaram-se devido a uma busca de trabalho com alojamento. O grupo majoritário porém seria o daqueles que não escondem a ruptura com seu meio familiar de origem, e vivem numa situação de permanente solidão. Entre estes, existem aqueles que admitem sua perambulação de albergue em albergue, outros que aspiram alguma forma de retorno, ou mesmo de poder constituir uma família. Há casos de migrantes

jovens que se encontram já desvinculados de seu meio familiar de origem, ora numa fuga em busca de autoafirmação individual, ora numa procura incerta de reconstituir o que seria uma imagem de família desejada. Enfim, temos o caso de um usuário que se aloja no albergue com sua família já constituída.

⁵ Para o estudo da experiência da “humilhação social” entre os migrantes pobres, remetemos a GONÇALVES FILHO, 1998 e COSTA, 2004. De fato, toda terminologia empregada pelos albergados para descreverem como se sentem (“solidão”, “invisível”, “deslocado”, “vergonha”) remetem a essa experiência, ao mesmo tempo social, moral e emocional.

⁶ O caso desse entrevistado chama a atenção, sobretudo, pelo fato de demonstrar um grande inconformismo diante da necessidade de ser obrigado a aceitar a hospedagem num albergue público. Não esconde a humilhação que sente, o seu arrependimento por ter deixado momentaneamente sua cidade para procurar emprego, nem o desejo de sair o quanto antes do albergue. Parece-me que talvez seja o único entre os entrevistados que realmente não seja um habitual frequentador de albergues.

⁷ Dener é o único entrevistado que se encontra no albergue com sua mulher e filhos.

⁸ Não há como negar a influência de Sayad para tratar desse tema tão delicado, a experiência da culpa reiteradamente vivida pelos migrantes, e a necessidade de expiá-la, sobretudo em situações de solidão, deslocamento e humilhação, como aquelas vividas pelos entrevistados na pesquisa (SAYAD, 1998).

REFERÊNCIAS

COSTA, F. B. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004;

CUTTI, D. Migrantes ou carentes? A trajetória da Associação dos Voluntários pela Integração do Migrante – AVIM. **Travessia – revista do migrante**, ano X, n. 29, set-dez/1997, pp. 25-29;

DORNELAS, S. M. As práticas institucionais de acolhimento do migrante na cidade de São Paulo. In: SERVIÇO PASTORAL DO MIGRANTE. **O fenômeno migratório no limiar do 3º Milênio**: desafios pastorais. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 257-264;

DURHAM, E. R. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1973;

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação Social: um problema em psicologia. **Psicologia USP**, v. 9, n. 2, 1998;

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP/EPU, 1974, pp. 37-184;

SARTI, C. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores Associados, 1996;

SAYAD, A. O “pecado” da ausência ou os efeitos da emigração. In: SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998, pp. 105-135;

SILVA, E. C. C. Cotidiano e convivência na Casa do Migrante. **Travessia – revista do migrante**, ano XVI, n. 47, set-dez/2003, pp. 31-37;

RESUMO

Quem são os albergados da Casa do Migrante, antiga Associação dos Voluntários pela Integração do Migrantes - AVIM? Esta talvez seja propriamente a pergunta que vem à mente ao se colocar a tarefa de conhecer a situação familiar, ou um pouco da história de vida daqueles que se alojavam nesta instituição entre os anos 1998 e 2001. Trata-se de um aspecto entre outros, como a sua inserção no mundo do trabalho ou a ocupação do tempo livre, numa pesquisa que teve por objetivo pesquisar o acolhimento institucionalizado de migrantes na cidade de São Paulo. É justamente no interior do enquadramento institucional deste albergue, nos espaços e tempos disponíveis, sob a intermediação de seus diretores e funcionários, que se buscou ouvir fragmentos da história familiar dos albergados.

Palavras-chave: Albergados; História de vida; Casa do Migrante

ABSTRACT

Who are the residents of Casa do Migrante, former Association of Volunteers for the Integration of Migrants - AVIM? This is perhaps exactly the question that comes to mind when posing the task of knowing the family situation, or a bit of the life history of those who stayed at this institution between the years 1998 and 2001. This is one aspect among others, such as their insertion in the world of work or the occupation of free time, in a research that aimed to investigate the institutionalized reception of migrants in the city of São Paulo. It is precisely within the institutional framework of this hostel, in the available spaces and times, under the intermediation of its directors and employees, that we sought to hear fragments of the sheltered family history.

Keywords: Housed; Life's history; migrant's house